

**EDITORIAL**  
**O CREPÚSCULO DA DEUSA**

por *Wécio Pinheiro Araújo*<sup>1</sup>

“Em geral o homem crê só por ouvir discursos,  
deveria porém raciocinar um pouco”  
Mefistófeles<sup>2</sup>

O presente número especial da *Problemata Revista Internacional de Filosofia* consiste em um projeto resultante de uma profícua *network* construída durante meu estágio doutoral como bolsista CAPES/PDSE na Alemanha ao longo do ano de 2017, sob a supervisão do filósofo Christoph Türcke, líder do grupo de estudos sobre Adorno em Leipzig, na Academia de Belas Artes (Hochschule für Grafik und Buchkunst – HGB), no qual surgiu a ideia desta coletânea. Neste período, tive a oportunidade de conhecer a maior parte dos pesquisadores e pesquisadoras que contribuíram para realização deste projeto, assim como também outros nomes com os quais estabeleci aproximação após o meu retorno ao Brasil. Entre estes últimos, o Prof. Edmilson Azevedo e a equipe da revista *Problemata*, mais especificamente os professores Luciano Silva, Matheus Beltrame e Leandro Sardeiro, aos quais propus esta edição especial, tendo como ampla temática a filosofia alemã. Destarte, nossos espíritos acabaram por encontrar afinidades e a proposta logo se transformou em um plano de trabalho que agora se materializa diante do nosso leitor. Assim, este número temático é fruto de um trabalho conjunto e um esforço inconcusso envolvendo, não apenas três países (Brasil, Alemanha e França), mas também ideias, afetos, identidades e dissonâncias sob um viés recato e pluralista.

Na capa, unimos filosofia e arte ao contar com a primorosa contribuição da artista chilena radicada em Leipzig, Ivana de Vivanco<sup>3</sup>, que generosamente nos deu permissão para

---

<sup>1</sup> Editor e organizador deste número especial. Professor na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e doutorando pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia - UFPB/UFPE/UFRN, com Estágio Sanduíche na Hochschule für Grafik und Buchkunst (HGB/Alemanha), proporcionado pela bolsa CAPES/PDSE, Processo nº. 88881.133482/2016-01. É membro do Grupo de Estudos sobre Adorno, também na HGB/Leipzig e participa da Critical Theory Sumer School na Humboldt Universität zu Berlin. E-mail: [weciop@bol.com.br](mailto:weciop@bol.com.br)

<sup>2</sup> Cf. GOETHE, 1974, p. 74.

abrir este número com a reprodução da sua tela que me parece traduzir a embocadura, não raro, aparentemente quieta e introspectiva da postura pensativa, assim como retratado no sujeito presente na pintura, mas que, apesar desse aspecto exterior, podemos imaginar que, pelo seu feitio cabisbaixo e circunspecto, por dentro parece se afirmar pela própria negação dessa aparência calma e contemplativa, na inquietude crítica diante do mundo, como descreveu Graciliano Ramos no sufocante fluxo de consciência da sua obra *Angústia*, ao dizer que, “quando a realidade me entra pelos olhos, o meu pequeno mundo desaba”. Portanto, sem qualquer pretensão de em uma modesta coleção de artigos dar conta do ciclópico labirinto que é o pensamento alemão, o impulso que nos move nesta edição é aquele que circula na frugalidade da alma inquieta do filósofo diante da realidade que, sempre perfazendo-se entre náusea e aprazimento, tédio e desejo, acaba por abalar aqueles mundos internos que no seu eu, concebia tão arraigados em suas certezas e convicções mais profundas. Contra ventos e marés doutrinantes, insistimos que a filosofia continua a se tratar muito mais de perguntas do que de respostas.

Por conseguinte, uma excelente amostra desse impulso supramencionado é fornecida já no trabalho de abertura desta coletânea, escrito por duas mulheres que não se intimidam em abordar a densa obra do heterodoxo filósofo marxista, Ernst Bloch, que ousa pensar politicamente uma teoria do ser ainda inexistente, e que aposta na antecipação como forma de produzir a estrutura simbólica da utopia, conforme afirmou Alfredo Bosi referindo-se ao Bloch e sua formulação teórica apresentada na enciclopédica obra *O Princípio Esperança (Das Prinzip Hoffnung)*. Tomada como o corpus teórico da pesquisa doutoral de Marta Maciel (UFPB/Université Paris X), a obra em tela é interpretada de maneira profícua e esmerada no primeiro artigo deste número, escrito em francês e em co-autoria com Gipsy Berley (Université Paris X). A primeira autora citada foi bolsista CAPES/PDSE na França durante o ano de 2017.

Em seguida, outro pesquisador, também bolsista CAPES/PDSE, que tive a satisfação de conhecer em Leipzig, Newton Amusquivar (UNICAMP), segue corroborando o arroubo que nos move nesta publicação, ao trazer o olhar nietzschiano sobre a fatalidade trágica da existência, a partir de reflexões cruzadas em volta da angustiante alternância entre surgimento e desaparecimento a qual todos estamos submetidos na vida. No artigo *Pessimismo na filosofia grega: afinidade filosófica entre Anaximandro e Schopenhauer pelos olhos de*

---

<sup>3</sup> Convidamos o leitor a visitar a página da artista e conhecer mais do seu primoroso trabalho: << <https://www.ivanadevivanco.com> >>

*Nietzsche*, Amusquivar toma como âncora o diálogo entre um pessimismo alemão, situado em Schopenhauer, e o pessimismo grego de Anaximandro, tendo em Nietzsche o seu Virgílio de Dante neste passeio pelo inferno do pêndulo existencial que balança entre pecado (Schopenhauer) e injustiça (Anaximandro).

Saltamos à frente na linha do tempo da história da filosofia com o artigo escrito a quatro mãos por Jonas Nascimento (UFPE) e Felipe Barreiros (UFPE), que põe na ordem do dia um balanço do debate historicamente acumulado no campo da Teoria Crítica (*Critical Theory*) acerca das desigualdades sociais e da luta por igualdade, sob um recorte que questiona o conceito de justiça sob o resgate do fecundo diálogo entre um representante contemporâneo da Escola de Frankfurt, o Axel Honneth, e a importante pensadora feminista norte-americana Nancy Fraser.

Seguindo dentro do arco teórico da Escola de Frankfurt, Matheus Beltrame (UEPB), em um recorte da sua tese doutoral na forma do artigo intitulado *O conceito de emancipação em Jürgen Habermas*, resgata os fundamentos e a concepção de emancipação habermasiana no período de sua obra que engloba *Teoria e práxis, Técnica e ciência como “ideologia” e Conhecimento e interesse*. Uma longa lista de conceitos caros ao pensamento do Habermas, tais como trabalho, interação, linguagem, interesse, reflexão, reconstrução e ciência, são apresentados como os constituintes da dimensão emancipatória da sua teoria.

Ainda entre os frankfurtianos, a mais romântica – talvez quase barroca – expressão da tradição marxista heterodoxa comparece no artigo de Ângela Lima Calou com o título de *Considerações sobre “Experiência e pobreza” de Walter Benjamin*, no qual ela recupera as reflexões críticas à modernidade contidas no afamado ensaio benjaminiano de 1933 (*Experiência e pobreza*). Calou explora como neste texto, o mundo moderno apresenta-se enquanto *locus* de um progressivo empobrecimento da experiência humana, decorrente de uma sintomática desorientação e fragmentação da vida moderna que leva a um novo tipo de barbárie, que se define pelo empobrecimento da capacidade humana de produzir e reproduzir experiências transmissíveis. Sem dúvida, a autora oferece um trabalho desprezioso e relevante, tanto para aqueles que estão ingressando, como para os veteranos no estudo do pensamento do Benjamin.

O encontro entre filosofia e arte, para além da capa, prossegue no conteúdo da edição, garantido por dois trabalhos: primeiro, o artigo de autoria do fundador da *Revista Problemata* – que completa 20 anos em 2018 –, intitulado *Experiência da consciência estética e histórica em Verdade e Método de Hans-Georg Gadamer como conceito chave para uma*

*hermenêutica filosófica*, no qual o Prof. Edmilson Azevedo (UFPB) aborda os conceitos-chave das experiências estética e histórica na filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, com o propósito de mostrar as condições de possibilidade para a constituição de uma hermenêutica filosófica baseada nas estruturas e conceitos dialógicos de linguagem. Em segundo lugar, os professores e também meus companheiros de estágio na Hochschule für Grafik und Buchkunst (HGB) em Leipzig, Luciana Rodrigues (UNIFAL) e Márcio Farias (UNIFAL), entrecruzam Brasil e Alemanha, à medida que convidam o leitor para uma análise do filme “Terra em transe”, do Glauber Rocha, a partir do pensamento do filósofo Christoph Türcke, tomando como base os conceitos de compulsão a repetição traumática, exploração da concentração, dessedimentação e ressedimentação da capacidade de concentração. Segundo Rodrigues e Farias, “estes conceitos formam as condições para a elaboração de alguns nexos entre a experiência de transe representada alegoricamente no filme e a experimentada pelas pessoas em meio a avalanche de choques audiovisuais na cultura contemporânea”. Destarte, Márcio Farias contribui com mais um trabalho, intitulado *Vício pelas telas digitais: contribuições do pensamento de Christoph Türcke para a educação corporal*, com uma temática atualíssima e uma abordagem interdisciplinar, que traz uma hipótese que fala por si só: “[...] a integração das telas do imagético-eletrônico às práticas de atividades físicas, alijada de uma reflexão histórico-social crítica, tende a dificultar ainda mais a capacidade de as pessoas perceberem as consequências da eletroestimulação audiovisual sobre os seus próprios corpos, assim como sobre os seus relacionamentos com aquilo que efetivamente está em seu entorno, cujo resultado pode ser a alienação corporal”.

Conforme relatou Leandro Konder<sup>4</sup>, na década de 1970, período no qual estive na Alemanha, “o professor Hariolf Oberer dizia que, na geografia da filosofia moderna, existiam muitas ilhas de variados tamanhos, mas só existiam dois continentes: Kant e Hegel”. Nesta direção, não poderíamos deixar de visita-los. Primeiramente, o artigo intitulado *Anotações sobre o problema da imaginação na filosofia de Immanuel Kant*, do professor Flávio Carvalho (UFCG), apresenta uma análise comparada entre dois ensaios pré-críticos e as duas primeiras edições da *Crítica da Razão Pura* publicadas pelo filósofo, a partir dos quais o autor desenvolve uma problematização acerca das diferentes abordagens e compreensões sobre a imaginação, estabelecendo um confronto com dois filósofos, Cornelius Castoriadis e Roger Verneaux.

---

<sup>4</sup> Cf. KONDER, 1991.

Ainda nesta quadra Kant-Hegel, *O conceito de razão entre Hegel e Kant: a crítica hegeliana ao dualismo transcendental kantiano*, de minha autoria, vem contribuir para o esclarecimento de algumas questões atinentes ao estudo do idealismo alemão no esteio destes “dois continentes” que promoveram uma reviravolta na tradição idealista e de toda metafísica. Trata-se de um trabalho que revisita a crítica hegeliana à compreensão kantiana da razão enquanto identidade entre o sujeito e o objeto, a partir da demonstração das diferenças entre a identidade que Kant afirma ter alcançado com a dedução transcendental e o que Hegel se referiu como razão (*Vernunft*) enquanto suprassumir (*Aufheben*) do entendimento (*Verstand*).

No trabalho seguinte, também da autoria deste que vos escreve, será a vez de Karl Marx, talvez o último dos hegelianos, aparecer em *Introdução à leitura dos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844: Marx leitor de Hegel*. Neste *paper*, exploro a leitura marxiana da concepção hegeliana do ser humano enquanto auto-atividade (*Selbstbetätigung*), e seus desdobramentos para a crítica da sociedade civil-burguesa (*bürgerlich Gesellschaft*); o que me leva a analisar a crítica marxiana da dialética e da filosofia hegelianas que se expressa a partir dos conceitos de exteriorização (*Entäußerung*) e estranhamento (*Entfremdung*), sobretudo a partir da *Fenomenologia do Espírito* (*Phänomenologie des Geistes*) e dos *Princípios da Filosofia do Direito* (*Grundlinien der Philosophie des Rechts*). Apresento uma interpretação, segundo a qual, entre Marx e Hegel, ocorre uma interação dialética dos conceitos hegelianos de exteriorização e estranhamento, que são remodelados e (re)significados historicamente de acordo com as novas mediações inseridas pela crítica marxiana. Em Marx, os conceitos interagem socialmente sob a dinâmica histórica real, de maneira que o significado de um sofre alteração por efeito do movimento histórico do outro e vice-versa. Entrementes, minha tese é de que tais categorias são reelaboradas dialeticamente pela crítica marxiana e aparecem como intermutáveis compondo um movimento teórico-dialético na elaboração de outros dois conceitos nevrálgicos do legado marxiano: o de ser social (*gesellschaftliche Wesen*) e o de trabalho estranhado (*entfremdete Arbeit*).

Ainda dentro da órbita do idealismo alemão entre Kant e Hegel, Adriano Ricardo Mergulhão (UFSCAR) coloca em pauta os dilemas de Ernst Cassirer com o neokantismo no artigo “*Am Anfang ist das Zeichen*” – *A Gênese da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer como função de contraponto ao neokantismo da Escola de Marburgo*. Mergulhão foi bolsista CAPES/PDSE em 2017, com estágio na Humboldt Universität zu Berlin, sob a orientação do professor Christin Möckel, atual responsável pela edição da obra póstuma de

Ernst Cassirer na Alemanha, e com quem realizou uma entrevista também publicada com exclusividade neste número.

Do neokantismo, saltamos para Schopenhauer, com o artigo do professor Dax Moraes (UFRN), intitulado *Considerações preliminares sobre o modo de ser da Ideia na metafísica de Schopenhauer*, que traz em elevada altitude teórica, prolixas reflexões acerca do problema ontológico situado na teoria schopenhaueriana das Ideias, e identificado “no seu duplo e mesmo ‘contraditório’ caráter de serem, a um só tempo, universais e eternas, individuadas e determinadas enquanto produzidas mediante a luta da Vontade consigo mesma” – segundo as palavras do próprio autor.

O Prof. Enoque Feitosa (UFPB), com seu artigo *Moralidade, direitos humanos e propriedade privada*, examina, sob uma perspectiva de classe de viés marxista, e portanto, criticamente, as concepções que defendem a apropriação privada das riquezas resultantes do trabalho social, estabelecida enquanto direito humano fundamental. O autor revisita textos fundamentais da obra marxiana, assim como não se intimida em enfrentar o debate da cultura marxista com a tradição liberal. E conclui sua análise problematizando o instituto da propriedade privada na Constituição brasileira de 1988.

Ademais, esta publicação não se intimida diante do vernáculo germânico, e oferece também duas contribuições de autores alemães que participam do nosso grupo de estudos em Leipzig. A primeira é da doutora em filosofia pela Hochschule für Grafik und Buchkunst (HGB/Leipzig), Monika Mühlpfordt, que traz uma intrincada reflexão acerca das estranhas homologias entre, de um lado, a linguagem técnica do mundo publicitário, desde sua literatura especializada até seus slogans produzidos para seduzir o consumidor, e de outro, o vocabulário e o discurso de guerra, próprio do agressivo e autoritário mundo militar. Em seguida, Martin Adonis, mestre em filosofia pela Universidade de Leipzig, e doutorando pela HGB, oferece uma temática ainda mais complexa, ao tratar, sob a perspectiva da crítica adorniana, do hermético conceito idealista de música absoluta (*absoluten Musik*) enquanto aquela que existe unicamente por si mesma, que é para ser ouvida exclusivamente, e que não se refere a nada mais do que a si mesma. No entanto, a partir da crítica do filósofo Theodor Adorno, o conceito aparece examinado criticamente entre seu duplo significado histórico, isto é: se por um lado, a música absoluta é entendida como um conceito historicamente criado do que a música é e deveria ser; por outro lado, é um tipo específico de música que é descrito por este modelo. Segundo Adonis, “Adorno libera o potencial revolucionário da música e traz à luz a verdade materialista escondida no conceito idealista da música absoluta: a música não

visa apenas espiritualizar o sensual, mas, ao mesmo tempo, identificar o espiritual como sensual. Isso mostra que o pensamento musical aponta para além da música absoluta” (livre tradução do presente autor).

O ensaio da edição ficou por minha conta e atrevimento ao inventar de meter-me pelo arenoso terreno dos fatos fugidios no calor do momento da situação política brasileira. Sem qualquer pretensão de uma análise definitiva, sob uma redação mais leve e dinâmica buscando suspender um pouco a exaustiva formalidade do texto acadêmico, mas também sem pactuar com a superficialidade, o ensaio *Lula e Davos: a política bloqueou a si mesma?* – versão revisada e ampliada de ensaio homônimo publicado no meu blog (<https://wecio.blogspot.com.br/2018/01/lula-e-davos-politica-bloqueou-si-mesma.html>) – tenta problematizar ligeiramente algumas contradições identificadas no momento brasileiro situado na quadra histórica na qual ocorre o mefistofélico julgamento do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva pelo juiz Sérgio Moro na nacional e internacionalmente conhecida Operação Lava Jato. O ensaio busca mediações com uma perspectiva global das relações sociais na era digital, envolvendo o capital financeiro e aquilo que nomeio como política da sensação, assim como algumas das suas determinações para a vida política nacional, a exemplo da *law fare* e da polarização ideológica vivenciadas como espetáculo político.

Em suma, o legado deixado pelo debate historicamente acumulado no pensamento alemão, e inaugurado por este no itinerário do pensamento moderno, é de uma filosofia crítica, desde Kant e Hegel – pilares dessa tradição –, até bifurcar-se entre, de lado, Schopenhauer e Nietzsche, e de outro, Karl Marx, que foi sucedido por uma controversa constelação de pensadores, da qual surgiram, entre tantas correntes, o marxismo heterodoxo da Teoria Crítica e o “neo-marxismo” da New Dialectics<sup>5</sup> na contemporaneidade. Portanto, neste ano que marca os 200 anos do nascimento do Mouro na cidade de Trier, autor da provocadora tese incitadora da revolução comunista, e que até hoje estampa os portentosos degraus situados na entrada da Universidade Humboldt na capital alemã<sup>6</sup>, trazer a filosofia

---

<sup>5</sup> Em recente e emblemático trabalho conjunto intitulado *Marx's Capital and Hegel's Logic* (MOSELEY; SMITH, 2015), Fred Moseley e Tony Smith, do *International Symposium on Marxian Theory* (ISMT) – nomes que estão entre as principais referências desta proposta “neomarxista” –, deixam claro a posição em tela: “The New Dialectics is different from old Marxian dialectics (or Diamat), which was concerned primarily with the influence of Hegel on Marx’s theory of history, and the eventual triumph of socialism. The New Dialectics, by contrast, is concerned mainly with the influence of Hegel’s logic n Marx’s theory in Capital of capitalism, as a given specific society; hence it is called ‘systematic dialectics’ (as opposed to ‘historical dialectics’)” (ainda sem tradução no Brasil).

<sup>6</sup> Quem conhece razoavelmente a obra de Marx, ou apenas visitou a Universidade Humboldt em Berlim, e parou para ler (e/ou traduzir) a frase cravada de frente à escada principal do salão de entrada daquela instituição, saberá que me refiro à décima primeira Tese ad Feuerbach, a saber: „Philosophen haben die Welt nur verschieden

crítica alemã como tema desta edição, nos permite o atrevimento da seguinte contra-provocação em recusa à pretensão de ensinar como deve ser o mundo, assim como alertou Hegel: será que, diante de todo esse ativismo diletante que, na era do despertar digital da consciência, confunde a sensação de atuar politicamente e realizar transformações no mundo com a efetiva transformação, não seria o caso de voltarmos a (re)interpretar o mundo sob uma consciência crítica de si ao invés de apenas repetir táticas políticas do século passado? Mas isto não sob a névoa da política da sensação, que dispensa a reflexão e se pauta apenas na satisfação imediata da títere tática sem estratégia nas ruas e redes sociais, da resposta sem proposta do “escracho”, do barulho sem projeto em grande parte das manifestações, e da crítica enervada, autoritária, polarizada, unilateral e ausente de autocrítica, com seus esquemas de ação carcomidos e típicos da censura e da imposição, seja mais à esquerda ou à direita do espectro ideológico – por sinal, esquisso imediatista que há tempos não dá conta mais da nossa realidade política, embora grande parte das pessoas disso ainda não se deu conta.

Contra qualquer pretensão de ensinar como deve ser o mundo, sobretudo neste tempo no qual a ação política esbarrou em si mesma, talvez estejamos carecendo das asas da autocrítica para que possamos alçar o voo do pássaro de Minerva<sup>7</sup> no momento do seu crepúsculo, e perceber que não é possível mudar o mundo para melhor sem antes atualizar nossas carcomidas visões acerca dele, pois, ao contrário dos nossos mundos internos que, não raro, sedimentam certezas e canonizam pensadores e figuras políticas, o mundo lá fora sempre está em mudança, pelo que a principal questão política, em sua generalidade, contraditoriamente permanece a mesma, embora sob novas mediações e determinações em suas particularidades, isto é: para onde caminham as mudanças e quem as conduz? Gosto de recordar o verso atemporal de Drummond cantado por Paulo Diniz: “Você marcha José, José para onde?”. Por fim, se a coruja da deusa da sabedoria voa ao cair da noite, será que neste dia

---

interpretiert; es kommt drauf an, sie zu verändern“ - em livre tradução: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”.

<sup>7</sup> Para aqueles que conhecem minimamente a obra de Hegel, saberão que faço alusão à afamada passagem no prefácio da obra *Princípios da Filosofia do Direito*, a saber: “Para dizer [...] alguma coisa sobre a pretensão de ensinar como deve ser o mundo, lembramos que, em todo caso, a filosofia sempre vem muito tarde. Enquanto pensamento do mundo, aparece apenas quando a realidade completou e terminou seu processo de formação. [...] Quando a filosofia chega com sua luz crepuscular ao anoitecer, uma manifestação da vida acaba de envelhecer. Não se pode rejuvenescê-la com o cinza sobre o cinza, mas apenas conhece-la. Ao cair das sombras da noite é que alça voo o pássaro de Minerva” (HEGEL, 1997, p. 37).



infinito no qual parece ter se transformado a política, não estaríamos todos enredados como atores em um drama que não entendemos realmente?<sup>8</sup>

Ademais, agradeço aos professores Edmilson Azevedo, no Brasil, e Christoph Türcke na Alemanha, que permitiram o elo imprescindível à realização deste projeto; assim como a toda equipe da *Revista Problemata* que trabalhou nesta edição, sobretudo as presenças comprometidas e sempre dispostas dos professores Matheus Beltrame (UEPB) e Luciano Silva (UFCG). Também sou grato ao professor Antonio Rufino Vieira, por todo o apoio em minha luta para conseguir ir à Alemanha; e ao Departamento de Serviço Social (UFPB), que me concedeu a liberação temporária das minhas atividades laborais. Foi imprescindível o fomento da CAPES, que financiou vários dos pesquisadores e pesquisadoras que colaboraram para a realização deste projeto que, assim como eu, fora da condição de bolsistas do Programa de Doutorado Sanduíche (PDSE), jamais poderiam vivenciar a experiência de um estágio doutoral para além das fronteiras brasileiras.

## Referências

GOETHE, J. W. von, **Fausto**. Editora Três : Rio de Janeiro, 1974 (Biblioteca Universal).

HEGEL, G. W. F. **Princípios da Filosofia do Direito**. – 2<sup>a</sup>. ed. – São Paulo : Ícone Editora, 1997 (Coleção Fundamentos do Direito).

KONDER, Leandro. **Hegel – A Razão Quase Enlouquecida**. – Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

MOSELEY, Fred; SMITH, Tony (edt.). **Marx's Capital and Hegel's logic: a Reexamination**. Haymarket Books, Chicago, 2015.

---

<sup>8</sup> Se me permite o leitor, neste parágrafo transcrevi um curto trecho do meu ensaio supramencionado, pois me parece expressar o impulso que moveu este projeto.